

TRAVESSIA DA CRISE

(Tendências Atuais na Geografia)

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro *

Se o Século XVIII, que deu nascimento às ciências biológicas, foi tido como de um frio cerebralismo, e o século seguinte, quando a Geografia se sistematizava como ciência, de um exacerbamento passional, chegamos agora ao final deste nosso século de esplendor tecnológico, no decorrer do qual progrediu um embutecimento emocional.

Num século de exaltação do "pensamento objetivo" ignora-se ou rejeita-se a existência da paixão e nega-se reconhecer que este atributo humano pode ser também sujeito do conhecimento. Exatamente por isso o Núcleo de Estudos e Pesquisa da FUNARTE realizou em 1985 um curso livre (no Rio e São Paulo, repetindo-se no ano seguinte em Curitiba e Brasília) sobre "Os Sentidos da Paixão", ministrado por expressivas figuras da inteligência brasileira. O sucesso do curso e o interesse pelo livro que a ele se seguiu (Cardoso et al., 1987) confirmam a necessidade da retomada do tema.

Introduzindo-nos ao conceito de paixão, Gérard Lebrun informa-nos que ela "é um sinônimo de tendência, e mesmo de uma tendência bastante forte para

dominar a vida mental". Evocando o conceito dado por Leibniz, para quem as paixões "não são contentamentos ou desprazeres nem opiniões, mas tendências, ou, antes, modificação da tendência, que vem da opinião ou do sentimento, e que são acompanhadas de prazer ou desprazer", complementa-a com aquela de Descartes: "Tudo o que se faz ou acontece de novo é geralmente chamado pelos filósofos de paixão relativamente ao sujeito a quem isso acontece, e de ação relativamente àquela que faz com que aconteça".

A partir da concepção cartesiana, lembra Lebrun que o significado da palavra paixão traz "em sua franja o sentido etimológico de passividade (paschein, pathos)".

A idéia de conteúdo simultâneo do agir e do padecer, inseparáveis, é específica do contexto de paixão. A aparente inferioridade do "padecer" se dissipa quando nos damos conta de que: "A potência que caracteriza o paciente não é um poder-operar, mas um poder-tornar-se, isto é, a suscetibilidade que fará com que nele ocorra uma forma nova".

* Ex-Professor titular da Universidade de São Paulo.

No momento presente — num mundo confuso, de geografias confusas —, onde o conhecimento (gnosis), a despeito de toda a pretensão em ser verdadeiro e objetivo, é bem duvidoso e incerto, é um momento propício à multiplicidade das percepções (aisthesis). Assim sendo, é melhor assumir, individualmente, o direito de opinião (doxa). A estratégia de ater-me ao individual não significa, de nenhum modo, uma pretensão de superioridade, por quanto a opinião e o sentimento pessoais são um reflexo da ação da comunidade a que pertenço (agente) sobre a minha individualidade pessoal (paciente).

Ao dispor-me a elaborar o presente ensaio sobre as tendências atuais na Geografia, recolho a minha opinião e o meu sentimento de geógrafo envolvido pela produção geográfica que se elabora no Brasil (comunidade nacional imediata) e que reflete os comandos sintonizados aos centros hegemônicos do poder (econômico) e do saber. O que não configura um “status” que a universalidade de nenhum modo é remota.

Um dos caracteres mais fortes do mundo de hoje, ao final do Século XX, é a

retração do horizonte projetivo, de tal modo que algumas mudanças se operam rapidamente. Sobretudo àquelas advindas da ação tecnológica, sobre as quais a reflexão é inversamente lenta.

Assim, as tendências que aqui procuro apontar são, antes de tudo, fruto de uma atitude crítica em face de uma condição de “imperfeição ontológica” atual, expressa como opinião e sentimento, dinamizada pelo desejo (paixão) de mudança para uma nova forma (travessia).

Prefiro aqui tomar a Geografia minimizando o seu contexto disciplinar (conflitos intradisciplinares) para, alargando o horizonte de relações (interdisciplinares), projetá-la no corpo geral da Ciência, inserindo-a na trama geral da Cultura. A estrutura de composição do ensaio é livre das convenções e normas vigentes para o que se admite como “científico”. Isto para sintonizar, de modo coerente, forma e conteúdo. Que o leitor não procure encontrar nele um enunciado preciso. Alguma possível fruição advirá apenas se houver paciência para que se acompanhe a marcha de um mostrar.

1º MOVIMENTO:

A TORRE (Modernidade & Crise)

*A rodar e a rodar no giro que se alarga,
O falcão já não pode ouvir o falcoeiro.
Desagrega-se tudo; o centro não segura;
Está solta no mundo a simples anarquia;
Está solta a maré escura do sangue, e em toda
parte*

*A cerimônia da inocência se afogou;
Falta aos melhores convicção, enquanto os piores
Estão cheios de ardor apaixonado.*

*Uma revelação, por certo, está bem próxima;
Por certo está bem próxima a Segunda Vinda.*

.....
.....
W. B. Yeats
A Segunda Vinda¹

Os versos iniciais de um dos mais famosos poemas do poeta irlandês, cujo simbolismo configura-se como um dos esteios da modernidade contemporânea, foi publicado em janeiro de 1919, após a Primeira Grande Guerra Mundial. Ao usá-lo agora, como preâmbulo à crise, quero reforçar a idéia de que todo acontecimento que induz à mudança ou ruptura é, ao mesmo tempo, herança. Vale lembrar que Shakespeare já proclamava “... what's past is prologue”.² As duas grandes guerras “mundiais” foram, contudo, apenas alguns dos acontecimentos marcantes que, no decorrer deste século, acabaram por desembocar na grande crise atual.

Para melhor penetrar no sentido temático deste primeiro movimento, faço ape-

¹ Dispondo de uma excelente tradução apresento aqui aquela contida na obra: Poemas de W. B. Yeats — Tradução e introdução de Péricles Eugenio da Silva Ramos (21 x 14 cm) 176 p. São Paulo, Art Editora, 1987.

² Shakespeare — The Tempest — Act II — Scene 1.

lo a um outro símbolo, também muito caro a Yeats. A Torre é o título de um dos seus mais longos poemas e símbolo frequentemente por ele utilizado. A partir do mencionado poema, a torre representa um meio de, em reclusão, alcançar o poeta um espaço mais amplo e nele identificar os eventos que o tempo marcou na sua terra natal. Uma torre para sentir o mundo e refletir sobre sua geografia.

Gostaria de juntar, como reforço a esta prefiguração simbólica, o apelo a duas figuras indeléveis de modernidades passadas, a quem Marshall McLuhan (1962) e Marshall Berman (1982) dispensaram especial atenção: Rei Lear, de Shakespeare e Doutor Fausto, de Goethe. Personagens-heróis de outras modernidades.³ O herói de Shakespeare encarnaria a modernidade da Renascença, onde a grande mutação foi dada graças à nova visão do mundo, advinda da física de Newton.

Além de considerar a modernidade no ato de dividir o reino em três partes, McLuhan chama a atenção para a Cena VI do Ato IV, quando Edgar esforça-se para convencer Gloucester, então cego, a acreditar na ilusão de que eles se encontram à borda de um íngreme rochedo. Embora equivalente (e não idêntica), poderíamos associá-lo à idéia da torre. Ao lado da “especialização” no ato de dividir o reino (parte fundamental na trama) haveria aqui, na narrativa poética da sensação do abismo (inexistente ou falso, no caso), um efeito ilusão resultante da separação dos sentidos. A decomposição em planos paralelos do (fictício) abismo alcança foros daquilo que McLuhan chama de “único exemplo de arte verbal tridimensional” (McLuhan, 1972, p. 37).

“Rei Lear é uma parábola, uma espécie de demonstração indutiva da loucura a das atribuições da nova vida de ação da Renascença, Shakespeare explica minuciosamente que o próprio princípio de ação consiste no parcelamento das ações sociais e da vida sensorial em segmentos especializados, daí resultando uma busca frenética por uma nova interação global de forças operante (grifo meu) a qual, por sua vez, leva a furiosa ativação de todos os elementos e pessoas afetadas pela mesma tensão”. (op. cit., p. 39).

Marshall Berman apresenta uma releitura de “Fausto”. A obra de Goethe, tendo sido concebida e elaborada ao longo de cinquenta e oito anos (1773-1831), num dos períodos mais turbulentos e revolucionários da história mundial, e dividida em três partes, com três grandes metamorfoses, reproduz o movimento mais amplo de toda a sociedade ocidental.

“Ela principia no recolhimento do quarto de um intelectual, no abstrato e isolado reino do pensamento e acaba em meio a um imensurável reino de produção e troca, gerido por gigantescas corporações e complexas organizações, que o pensamento de Fausto ajuda a criar e que, por sua vez, lhe permitem criar outras mais. Na versão goethiana do tema de Fausto, o sujeito e objeto de transformação não é apenas o herói, mas o mundo inteiro. O Fausto de Goethe expressa e dramatiza o processo pelo qual, no fim do Século VIII e início do seguinte, um sistema mundial especificamente moderno vem a luz.” (Berman, 1986, p. 40-41).

A modernidade de “Fausto” extravasa em sua terceira metamorfose, em que ele — vencidas as etapas de “sonhador” e “amador” — assume o caráter de “fomentador”, onde é impulsionado pelo que Berman designa como “desejo de desenvolvimento”. Mefisto garante-lhe um pacto político (com o Imperador) que o torna responsável por mirabolantes projetos de exploração da água do mar, construção de um canal, etc. Ao analisar o momento de sua excitação; “Rápidos em minha mente, planos e mais planos se desenvolvem”, Berman usa uma frase que assinalo como relevante para o raciocínio aqui perseguido:⁴

“De súbito a paisagem a sua volta se metamorfoseia em puro espaço” (gritos meus). (op. cit. p. 62).

“É como se o processo de desenvolvimento, ainda quando transforma a terra vazia num deslumbrante espaço físico e social (grifo meu) recriasse a terra vazia, no coração do próprio fomentador. É assim que funciona a tragédia do desenvolvimento.” op. cit. p. 67).

Haveria (segundo Berman) algo que transcende ao próprio “Fausto”, algo de impessoal que parece ser endêmico à modernização: “O movimento de criar um ambiente homogêneo, um espaço totalmente modernizado, no qual as mar-

³ É preciso notar que, tendo suas raízes na mitologia celta, o personagem do Rei Lear, antes de ser tomada por Shakespeare (1606), já se encontrava em crônicas inglesas de 1594. E a estória do Dr. Fausto foi cantada por Johann Spiess (1587) e notabilizada por Christopher Marlowe (1588). Goethe retoma o personagem no final do Século XVIII, quando tinha 21 anos de idade (1770) e trabalharia o grande poema ao longo de sua vida, dando-o como pronto (1831) um ano antes de sua morte.

⁴ Esta será aqui tomada como o *leitmotiv* que percorre todo o texto.

cas e aparências do velho mundo tenham desaparecido sem deixar vestígio” (grifos meus). Ao matar um casal de velhos, ele pronuncia sua própria sentença de morte. Goethe nos mostra, diz Berman, “como a categoria das pessoas obsoletas, tão importante para a modernidade, acaba por tragar aqueles que lhe dão vida e poder”. Berman propõe em seu ensaio que se tome modernidade como:

“um tipo de experiência vital, experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida, que é compartilhada pelos homens e mulheres em todo o mundo” (grifos meus).

De possibilidades e perigos chegamos à idéia de crise. A partir do radical grego krisás (separar) nas semânticas as mais variadas — médica, social, econômica, teológica, etc. — a idéia fundamental é de divisor, mudança em uma dada continuidade, estado de tensão. Ao longo do processo de qualquer ser organizado podem suceder-se várias crises. Mas a crise em foco, processo da marcha da humanidade, refere-se a uma crise aguda ou crise histórica definida por Ortega:⁵

“quando a mudança de mundo que se produz consiste em que ao mundo ou sistema de convicções da geração anterior sucede um estado vital em que o homem fica sem aquelas convicções, portanto, sem o mundo” (grifo meu, para confrontar com a “experiência vital” na conceituação de Berman).

O modelo “fáustico” de desenvolvimento germinado na passagem do Século XVIII para o XIX atingiu sua plenitude neste nosso século. Os progressos da ciência geraram uma tecnologia de tal modo avançada que houve um traslado da era dita industrial e penetração naquela que se vem designando como pós-industrial.

Qualquer um — cientista, intelectual, cidadão — que atinja o alto da “torre” sentirá o turbilhão de sinais acumulados da maior das crises históricas já vividas. Talvez haja mais do que o travo da impotência e da decepção.

Segundo a análise de Soubirats,

“a declaração de morte do intelectual como consciência autônoma e crítica, e da extinção do seu papel de educador não só é legítima, como também perfeitamente realista. (...) Nunca houve tantos intelectuais e nunca eles foram submetidos

a semelhante passividade. Este é o paradoxo de uma civilização caracterizada por um alto grau de racionalização técnica de todos os aspectos da vida, desde os cuidados da alma até os segredos da guerra e que, ao mesmo tempo, está exposta ao maior grau de irracionalidade em seus conflitos sociais e econômicos, em sua destrutividade industrial e militar e na angústia que atormenta a existência de todos”.

Tal é a natureza do turbilhão, que antes de procurar discriminar fatos será mais pertinente apontar os grandes paradoxos de que a crise atual se reveste. Talvez o traço mais característico seja aquele de reconhecer que a crise se instala plenamente sobre a cultura ocidental, sede dos centros hegemônicos de polarização que geraram, com o poder expansivo do capitalismo uma “vida planetária”. Talvez o binômio mais assustador, quem sabe o ponto de partida da crise histórica, seja engendrado pela associação do modo de reprodução ampliada de capital e o estatuto atômico, com liberação impensável de energia. Herança e imposição ocidental, esta é a vertente básica da “razão pós-atômica”.⁶ Tanto em termos de poder mundial quanto nacional a tecnocracia se sobrepõe à política, já que os governos não mais governam, concentram-se na tarefa de prolongar ou transferir o evento das catástrofes. Em âmbito nacional, as sociedades vivem o dilema de exigir proteção e segurança do Estado Providencialista e, com isso, correr o risco de perder progressivamente sua liberdade — social e econômica — ante o Estado Totalitário.

Se a Primeira Guerra Mundial acabou com o conceito de soberania dos Estados, e a Segunda trouxe o advento das superpotências, a situação atual evidencia profundas e complexas mudanças nesta estrutura mundial de poder. Enquanto as duas superpotências — opondo o mundo capitalista ao socialista — lutam pela hegemonia tecnológica e armamentista (ao mesmo tempo em que procuram se desarmar), um país privado de qualquer forma interna de militarismo emerge via suplantação tecnológica dos modelos vigentes, despontando como “potência tecnológica” para o Século XXI: tal é o caso do Japão.

⁵ Apud Kujawski em sua série de artigos “Que é Crise?”. 3º artigo. “A Raiz da Crise” — O Estado de S. Paulo, *Jornal da Tarde* — 11-11-83, p. 3.

⁶ Em trabalho recente, publicado pela Fundação Joaquim Nabuco (Monteiro, 1987), tive ensejo de tentar um esboço evolutivo da crise, num segmento designado: “Prometeu Acorrentado” — Mutantes e Conflitantes “Geografias” para explicar o mundo no final do Século XX.

A sociedade de massa, mercê de uma coletivização e tendência à uniformização geral, perdeu muitas oportunidades. Ante o fastígio tecnológico e possibilidade de enfatizar a criatividade, tem havido uma regressão na modernidade atual em relação àquela do século anterior. Berman, a este propósito, assinala que “visões abertas da vida moderna foram suplantadas por visões fechadas”: “Isto e Aquilo” substituídos por “Isso ou Aquilo”. Isso é verdadeiro para o domínio das Ciências, onde se procura um método único, infalível, modelos homogeneizadores e redutores, e até mesmo moldes rígidos para a redação de artigos e comunicações⁷. Enquanto isso e paradoxalmente, as artes vêm-se percorridas por uma tal proliferação de tendências inconsistentes, onde o caráter é a “ausência de estilo”. Isto é mais visível ainda no domínio da moda, onde se revezam ressurgências alternadas de cada década passada.⁸

A modernidade atual levou-nos, também, a novas formulações das relações de produção e ao próprio caráter do trabalho. O trabalho físico do homem — nos centros hegemônicos — torna-se cada vez menos necessário com o advento e crescimento da robótica. Como enfatizou Herrera (1984), as mudanças anteriores (ciclos econômicos) modificavam todo o perfil do sistema produtivo desde a energia até os produtos finais. Agora, as alterações introduzidas pela microeletrônica independem das variáveis adicionais do processo (energia, transporte, etc.). O impacto, pela primeira vez, vai atingir a própria organização do trabalho, já que começa a eliminar mão-de-obra “mecânica”. Se nos centros hegemônicos isto pode reverter a luta de classes, nos países dependentes ela pode acentuar-se à medida que o acesso às tecnologias de ponta, caras (por necessitarem de investimentos maciços nas pesquisas que as

geram), tendem a aumentar as diferenças. Assim teríamos, além da luta de classes (interna), uma projeção mundial. Países subdesenvolvidos do mundo, uni-vos!

Se o poder de Aliança entre os fracos é difuso ou inexistente, como na América Latina, entre os fortes ela tende a se acentuar. A Europa Ocidental, que já tem um “Mercado Comum” e até um “Parlamento”, ao que tudo indica, será unificada politicamente mais depressa do que se poderia esperar.

Não haveria meios de buscar uma causalidade linear para tal crise, de tal modo ela é imbricada. Além das poderosas componentes econômico-políticas ela perpassa todas as sociedades, grupos e famílias — onde se sacraliza o profano e dessacraliza o sagrado, produzindo profundas alterações na dimensão religiosa do homem moderno. Até o indivíduo — e talvez especialmente ele — vê-se profundamente atingido em sua identidade multidimensional. Se as contribuições de Freud e os impulsos de Marcuse promoveram a revolução sexual, as doenças retornantes e, sobretudo, as novas (AIDS) afetam o cerne da vida de relações. A procura do sexo (liberado) atingiu o “status” de um atalho para a morte.

O rol é imenso, não se encerra por aqui e, sem a pretensão de querer esgotá-lo, continuará a perpassar pelos movimentos seguintes.

Para terminar este primeiro movimento, gostaria de retornar à epígrafe de Yeats, cujo poema tomei, deliberadamente, em sua metade inicial. A própria idéia da “segunda vinda” tem indisfarçáveis componentes “milénaristas”⁹. Os dois últimos versos do poema deixam isso bem claro: “E que animal violento, enfim, chegada a sua hora/Desajeitado arrasta-se a Belém para nascer”.

O meu intuito é ressaltar o terceiro verso: “Desagrega-se tudo; o centro não segura”,¹⁰ que serve de fundamento ao

⁷ O insuportável roteiro: “hipótese — materiais e método — análise — discussão” faz furor, prolifera e é aceito até mesmo na Geografia.

⁸ No domínio da Arte a designação usual é Modernismo enquanto Modernidade e Modernização dizem mais respeito aos processos econômico-sociais.

⁹ A propósito do conceito de “milénarismo” o Dicionário de Ciências Sociais; editado pela Fundação Getúlio Vargas, desenvolve um texto que vai das páginas 759 a 762. E não esclarece muito, ou o essencial! É uma variante do Messianismo. Emanada das crenças religiosas, por meio de profecias (Nosstradamus, por exemplo) que, nas sociedades que atravessam situações de crise, espera-se um emissário divino para restabelecer a ordem no mundo. Na religião crítica a luta entre Deus e Satã, nas passagens dos milênios — como agora — aumentam as expectativas sobre o advento da besta imunda (apocalipse) ou de um novo salvador.

¹⁰ “Thing fall apart; the centre cannot hold”, (no original).

segundo movimento. Mundo em desagregação. Geografias desagregativas.

Não é, portanto, um apelo à “sinistrose” para aumentar nossa tensão. Mesmo porque, crise, entendida como ruptura, não implica necessariamente em “decadência” e, muito menos, deve ser entendida como sinônimo dela. Se uma “decadência” passa forçosamente por um estado de “crise”, esta não se dá, obrigatoriamente, como prólogo de decadência.

A grande crise do Século II da era cristã, ressaltada por Yourcenar nas “Me-

mórias de Adriano” e por Umberto Eco no seu discurso, ano passado, na Feira Mundial do Livro em Frankfurt, foi seguida pela decadência do Império Romano.

Não há meios de se saber qual o destino da crise. E os chineses — em sua sabedoria — usam para o ideograma representativo de “crise” (wei-ji) uma combinação dos caracteres representativos de “perigo” e “oportunidade”.

Qual será a força hábil em dotar o centro de uma energia capaz de voltar a segurar as coisas em desagregação?

2º MOVIMENTO

O LABIRINTO (Ciência: Geografia)

... Naquele império, a Arte da Cartografia atingiu uma tal Perfeição que o Mapa duma só provincia ocupava toda uma Cidade, e o Mapa do Império, toda uma Provincia. Com o tempo, esses Mapas Desmedidos não satisfizeram e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império que tinha o Tamanho do Império e coincidia ponto por ponto com ele. Menos Apegados ao Estudo da Cartografia, as Gerações Seguintes entenderam que esse extenso Mapa era Inútil e não sem Impiedade o entregaram às Inclemências do Sol e dos Invernos. Nos Desertos do Oeste subsistem despedaçadas Ruínas do Mapa, habitadas por Animais e por Mendigos. Em todo o País não resta outra reliquia das Disciplinas Geográficas.

(Suárez Miranda: *Viagens de Varões Prudentes*, livro quarto, cap. XIV, 1658.)

Jorge Luis Borges
Do Rigor na Ciência 11

O mapa foi grande novidade no Século XVI, época da projeção Mercator (1569). Produziram-se neste mesmo século os primeiros atlas, dentre os quais aquele de Ortelius (com 40 edições em 30 anos). Os *aditamenta* à edição de 1584 apresentavam o que havia de mais moderno e foram as matrizes dos mapas que se repetiram até o Século XVIII.

A data de 1658 que Borges imputa à obra de título tão sugestivo (quanto fictícios são ela e o seu autor) é uma refe-

rência temporal pós-renascentista, que sucede, em 14 anos, o nascimento de Newton (1642-1727). Assim, pois, se encaixa num período de crise que viria eclodir na grande mutação na física e na visão do mundo, graças ao astrônomo inglês.

Trata-se de mais uma das muitas parábolas utilizadas por Borges. Nesta, que está inserida na *História Universal da Infâmia*, se atinarmos com o título que lhe foi conferido — “Do Rigor na Ciência” — podemos captar aquela mensagem, também muito cara a William Blake, segunda a qual “a verdade, uma relação entre a mente e as coisas, é uma proporcionalidade modelada pela imaginação”.

Se quisermos insistir com o aspecto visual ou “figurativo” do mapa, seguindo a argumentação de McLuhan, poderíamos concluir com ele que “a codificação da experiência em um plano só, linear, visual e seqüente é completamente convencional e limitada”, além de que “a representação das aparências naturais” perderam muito, desde o século passado, com o advento “das geometrias não-euclidianas, da lógica simbólica e da poesia simbolista” (*op. cit.* p. 87). Temos, com este argumento, uma demonstração extrageográfica dos novos termos da relação “lugar-espaço”.

Mas não deixa de haver, nesta maliciosa parábola borgeana, algo de um

11 Apresento aqui a tradução de Flavio José Cardozo na seguinte edição: Borges, Jorge Luis — *História Universal da Infâmia* — 3ª edição, Editora Globo, Porto Alegre, 1986.

amargo gosto de probabilidade plausível, ante os descaminhos e incoerências que se podem encontrar no pensamento geográfico de nossos dias, sobretudo pelo que ele induz à perda de oportunidades, mercê de sua crescente desagregação. Também aqui falta um "centro". Nada se segura.

Ainda hoje não se resolveu o enigma do "objeto" da investigação geográfica. Diferentes geografias (ou disciplinas geográficas) tendem a se cristalizar ao sabor dos impulsos ideológicos, pretendendo cada ramo estruturar-se em saberes constituídos.

Afasto qualquer pretensão a rediscutir o eterno problema das dicotomias, como apontar avaliações — ato já cometido (Monteiro, 1980) —, evitando incidir naquela pretensão de olhar a Geografia como um campo original de coisas especiais.

Não acredito no esquema interpretativo (sociológico) de Kuhn da alternância de períodos "revolucionários" seguidos de períodos "normais". Feyerabend (1975) refutou de modo cabal esta interpretação dentro do próprio campo da física. Também aqui no domínio da Ciência, como um todo, é mais viável acreditar também numa crise histórica, que é, ao que tudo indica, o que afeta a Ciência nesta crise generalizada do final do nosso século.

Importa saber se Geografia corresponde — seja ela o que for — a uma necessidade "vital" do homem. Isso parece se confirmar quando vemos que — malgrado todas as vicissitudes e defeitos — ela é universalmente reconhecida como um veículo de educação.

Posso apresentar — a favor dessa tese — o seguinte pequeno mosaico. Em publicação soviética bem recente (URSS-1987) localizamos num dos estudos ali contidos o seguinte trecho (Armand et alii):

"... uma forma não menos importante é a popularização das novas realizações científicas. É portanto muito natural que desejemos "geografizar" (geographicize, na versão inglesa) as contíguas áreas de ciência e tecnologia, e se encontramos nesta tarefa uma barreira (ou um freio) à degradação ambiental, uma garantia de solução consistente aos problemas econômicos do território, nós

devemos, então, não apenas condicionar a opinião pública em favor de tais medidas, mas também prover (ministrar) conhecimento geográfico a milhares de gerentes (economic managers) e administradores que foram privados, em seus primórdios escolares, de educação geográfica específica. Devemos convencer milhões de pessoas que o conhecimento da geografia é tão importante quanto o conhecimento da economia" (op. cit., p. 30).

A edição de 30-06-87 do *Los Angeles Times*, um dos maiores periódicos da costa do Pacífico nos Estados Unidos, inseria uma chamada de coluna e meia na primeira página, seguida de meia página interna sob o título *Geography is much more than simple maps*. Mostrava-se ali a atuação de professores e alunos de um *college* da Grande Los Angeles redescobrimdo a importância da Geografia, notadamente como veículo de educação sobre o meio ambiente, seus problemas e alternativa de soluções. Fotografias de alunos em trabalho de campo com seus professores ilustravam a reportagem.

Aqui entre nós, contornando os problemas dos "programas oficiais" e a barreira das editoras e corporações de "livros didáticos" já estabelecidos, um professor de Geografia, com ajuda de nascente pequena editora, consegue lançar um livro versando sobre "*O Mundo Contemporâneo — As grandes mudanças geopolíticas e econômicas nos últimos 50 anos: conceitos e textos básicos*" (Ferreira, 1986).

Com isto quero demonstrar que em três países notadamente diferentes — a sede do capitalismo, o primeiro país socialista e um dos países em esforço de desenvolvimento — há uma necessidade de (quase diria "vender") promover a Geografia — necessidade e ênfase estas que demonstram não ser isto uma conquista já assegurada, e coisa fácil. Exige acreditar-se nela e lutar por ela como veículo de educação.

Tentarei evocar alguns aspectos de problemas ou dificuldades da Geografia, em diferentes níveis de "disciplinaridade", na medida do possível globalizantes.¹²

Um dos aspectos mais destacáveis na presente crise histórica é aquele advindo do estado de carência em que o desen-

¹² Creio que este presente ensaio terá muito a beneficiar-se se o leitor procurar apoio no artigo de Nilo Bernardes (1982) tratando d'O Pensamento Geográfico Tradicional, e complementando-se com aquele de Oswaldo Amorim Filho (1985) que focaliza as tendências teórico-metodológicas mais recentes (não tradicionais). Vide Bibliografia no final deste.

volvimento industrial tecnológico, guiado pelo direito de veto que o homem se arrogou sobre a natureza, produziu na qualidade ambiental e nos recursos naturais A Conferência de Estocolmo (1972) e a crise dos combustíveis — notadamente pelo caso de petróleo árabe (1973) — podem balizar a grande questão ambiental. De certo modo, freada ou em via de controle nos países ricos e em exportação para as periferias dependentes, esta questão é da mais alta significância para nosso país. À medida que dilapidamos nossos recursos e degradamos nosso ambiente, o discutível “retorno” é absorvido no sorvedouro da insolúvel dívida externa.

Até muito pouco tempo¹³ havia um divórcio entre as facções “físico” e “humana”, dificultando uma abordagem conjunta, posto que se exigia previamente a conceituação de “ambiente” e sua natureza social e/ou natural. Bastaria lembrar que McLuhan, um comunicólogo, no prólogo de sua famosa obra — *A Galáxia de Gutenberg* — admite poder haver “certa vantagem em substituir a palavra galáxia por meio ambiente”, posto que “qualquer nova tecnologia de transporte e comunicação tende a criar seu respectivo meio ambiente humano”. Enquanto isso, proclama que o tema central de sua obra “é a extensão das modalidades visuais de continuidade, uniformidade e conexão, tanto da organização de tempo quanto do espaço”. Até parece que ele quer oferecer a seu objetivo — “modalidades visuais” — um tratamento “geográfico”. Tem algum sentido uma tal discussão entre geógrafos? Não seria isto o revelar de uma externa fragilidade intradisciplinar?

Mas este incômodo ou problema decorre daquilo que Nilo Bernardes registrou com bastante acuidade ao comentar a proposta de “Geografia Social”, a partir notadamente de Pierre George,

“... O que importa agora é aplicar à Geografia Humana a noção de diversidade das relações de produção e das relações sociais que resultam em cada meio geográfico: não sendo de nenhum modo correto separar o social do econômico. Como se depreende, é mais do que a integração da Geo-

grafia com o campo da Ciências Sociais: é fazer dela uma “Ciência Social”, conflitando, pois, com a doutrina da escola vidaliana” (Bernardes, 1982, p. 406).

Aí está, bem claramente exposta, uma das raízes do “cisma” que se tem agravado mais e mais. E isto é o que se pode identificar, com toda a clareza, como aquilo que Erich Jantsch (1972) classifica de disciplinaridade cruzada (*crossdisciplinarity*, na versão inglesa). Isto acontece quando o acervo axiomático de uma disciplina é imposto a outras disciplinas de mesmo nível hierárquico, criando assim uma rígida polarização através dessas disciplinas em direção ao conjunto axiomático disciplinar dominante. Segundo o quadro montado pelo autor (p. 106, 107), a esta caracterização geral associa-se o sistema: Um nível — uma meta; rígido controle de uma meta disciplinar sobre outra.

Tentarei, a seguir, examinar algumas relações da Geografia com a Arquitetura¹⁴ para avaliar aspectos de aplicação da Geografia ou algo do potencial de aptidão para a interdisciplinaridade. De imediato faz-se necessário considerar que a Geografia se reveste de um caráter mais acadêmico, porquanto a formação universitária é dirigida ao magistério, complementada pela investigação, sendo o aspecto ativo da participação profissional um tanto incipiente. Em todo o caso, sem atingir qualquer nível de comparação com a arquitetura, formadora de profissionais liberais. A medida que os primeiros preocupam-se com a compreensão dos “espaços” (organização, produção ou derivação), e os segundos são edificadores de espaços, admitamos algumas afinidades, o que justifica o pretendido tratamento.

Contemporâneo de Colombo (1451-1506), o italiano Leon Battista Alberti (1404-1472), um grande humanista, arquiteto e um dos principais formuladores da teoria da arte renascentista, foi também um reformulador do projeto arquitetônico. Revertendo a proposta do latino Vitruvio, cujos elementos básicos consistiam de *firmitas, utilitas* e *venustas*, elabora o seu programa (de projeto arquitetônico) ba-

¹³ Parece que se vislumbra uma certa aproximação da geografia radical em relação ao problema ambiental. A julgar pelo recente lançamento da AGB de São Paulo sobre A Questão Ambiental.

¹⁴ Sou grato ao meu amigo Joaquim Guedes — com quem tive a oportunidade de alguns trabalhos conjuntos — a indicação da obra de Alberti, aqui focalizada, e muitas estimulantes discussões

seado no emprego de novos procedimentos que, inspirados na harmonia musical e técnica matemática, visa produzir a perfeição das proporções do plano, sua elevação e inter-relação das partes. Em sua obra *De re aedificatoria* (escrita em 1452 e publicada em 1485, após sua morte), dentre os cinco parâmetros básicos do projeto, os primeiros seriam a “região” e a “situação” (sítio). Vemos aqui uma preocupação de harmonia entre as partes do projeto e o seu assentamento no “lugar”.

A evolução deste *animus locci* na arquitetura e aquela do pensamento geográfico, num paralelismo diacrônico desde a Renascença a nossos dias, seriam proveitosos mas fora de propósito aqui neste estudo. Para caracterizar a crise atual, é imperioso lembrar que no meado deste nosso século interpretadores e criadores de paisagens ou lugares chegam a uma mesma encruzilhada.

Foi no congresso de Washington (1952) — o 17.º Congresso Internacional de Geografia da UGI — que o conceito de “região” passou por uma verdadeira reformulação, a ponto de constituir-se em mais um fator de ruptura da paradigmática da Geografia “tradicional” (Bernardes, *op. cit.*, p. 412). As regiões “nodais”, “polarizadas” e todo o cortejo de suas variantes refletem o “fim” da preocupação “natural” quando Griffith Taylor (1949) já exalava o último suspiro do determinismo ambiental. Passamos a outra forma de determinismo: o econômico, que nos lança do espaço concreto, euclidiano, por meio das outras geometrias, no abstrato dos espaços relacionais. É neste mesmo momento que o grande arquiteto Ludwig Mies van der Hohe, trasladado da Bauhaus na Alemanha para os Estados Unidos, constrói, em Chicago, à borda do lago Michigan, as suas famosas torres de aço e vidro (1951). E proclama que “o projeto arquitetônico é a economia”.

As diferenças de concepções geográficas de região passam por correspondente transformação arquitetônica que se pode exprimir da comparação do Pavilhão de Barcelona (1929) com as *Chicago steel glass apartment towers* (1951) do arquiteto alemão. Com isto quero ilustrar o quanto há de comum na evolução ciência-arte, de tal modo que as incipientes e difíceis relações interdisciplinares que existem (perduram) deveriam ser estimuladas com proveito para ambos: geógrafos e arquitetos.

Mas o desejo de especialização, isolamento, auto-suficiência e espírito corporativo reinantes norteiam outros rumos. Após a criação da revista, o arquiteto urbanista grego Doxiadis (1968) propõe a *Ekistica* como uma disciplina consagrada ao estudo do povoamento rural e urbano. Seria esta alternativa uma falência da Geografia Humana? A repercussão da proposta do grego parece ter ficado restrita à sua equipe de Atenas e não teve a repercussão esperada.

Uma vez mais: “De súbito a paisagem a sua volta se metamorfoseia em puro espaço”. É este volteio rápido que entonetece o geógrafo, o arquiteto: o Homem do final do Século XX, e o coloca no labirinto, outro símbolo tão caro a Jorge Luis Borges. Entre o lugar perdido e o espaço ainda não assimilado erramos todos nós dentro do labirinto, à procura de saídas salvadoras. Com isso, cruzamos e afastamos-nos. Desarticulamos nossos esforços por falta de algo que nos una.¹⁵

Não seria esta vertigem, advinda desse desequilíbrio, esta insegurança de onde “ter o pé”, que teria ocasionado o surgimento da geografia da percepção, onde se recorre à elaboração de “mapas mentais”?¹⁶ Não teria ela a ver também com aquela linha de pesquisa proposta por Hagestrand e o grupo de Lund¹⁷ para o

¹⁵ Milton Santos (1982) propõe uma distinção entre “lugar” e “espaço” no seu artigo “O Espaço e seus Elementos: questões de método”.

¹⁶ Iniciados nos anos 60, os estudos geográficos de “percepção” já contam com um acervo bibliográfico considerável. O manual de Gold (1980) apresenta uma síntese do estado atual de sua sistematização. Em Pena & Sanguin (1986) há um valioso esboço comparativo desta e outras tendências por eles apontadas como “categorias de espaços geográficos”. Espaço vivido. Espaço percebido.

¹⁷ Estes estudos tiveram repercussão no Japão, na equipe do Professor Nobuo Takahaschi (1983) em Tsukuba. Será interessante estabelecer um paralelo entre este tipo de abordagem geográfica com aquela em curso na História realizada em França, sobre a História do “homem comum” como aquele de Georges Dify: *Histoire de la Vie Privée*, Paris, Ed. du Seuil, 1986, onde a par dos programas tecnológicos se enfatizam as rotinas da vida diária das famílias do homem comum.

estudo dos movimentos pendulares nos deslocamentos familiares do lugar para o contexto regional em que se inserem? Assim, surgem novas afinidades e pontes em direção à Psicologia e a Nova História. À procura da saída do labirinto. Geração de novas oportunidades e possibilidades. Tendências de nossa época.

Os lugares mais notáveis, cada vez mais, vêm-se tornando as cidades, desde que as polarizações econômicas estão a elas vinculadas. Assim, outro caráter fundamental da grande crise é evidenciada pela questão urbana.

Spengler (1918) atribuiu como um caráter peculiar às "Nações" a sua capacidade em criar cidades. Isto era especialmente expressivo para o caso da nação alemã, que, antes de unificar-se em Estado Moderno (1870), gerou cidades no que elas têm de mais significativo do ponto de vista cultural. Os insucessos nas duas grandes guerras mundiais talvez respondam pelas limitações que deixaram Berlim aquém de suas congêneres do mundo ocidental. Mas a força da economia gera metrópoles, mesmo quando ela se confunde com o Estado (Cingapura) ou na ausência dele (Hong Kong). As grandes cidades do Oriente — desenvolvido ou subdesenvolvido —, associadas às grandes diferenças com as cidades africanas e ao caráter peculiarmente híbrido daquelas da América Latina — de onde emergem aquelas duas supostas como vindo a ser as maiores aglomerações da virada do século (México e São Paulo) —, vêm demonstrar o quanto a questão urbana, neste final de século é um campo aberto à análise e às elucubrações teóricas.

Nestes últimos vinte anos avolumou-se o conjunto de estudos e a variedade de interpretações das cidades do mundo em esforço de desenvolvimento. O geógrafo brasileiro Milton Santos (1965) chamou a atenção para os dois circuitos opostos que percorrem estas cidades — o "externo", de maior interferência pelo seu papel nas decisões que condicionam o

espaço interno, e aquele outro, interno, induzido por esta dependência. O sociólogo Alain Medam (1971) sente estas cidades como um "sistema de censura", onde a corrida para elas implicaria numa seleção de habilitação a sua natureza "especializada". A flagrante incapacitação dos fluxos demográficos que a ela ocorrem acaba por gerar um conflito entre a "cidade-organização" e a "cidade-pressão".

Ao longo dos anos 70, economistas de vários países passaram a dar atenção àquilo que o esforço pela sobrevivência da pobreza no urbano acabou por gerar nele: um setor dito "informal" (paralelo, clandestino, espontâneo, etc.).¹⁸ Enquanto estes estudos se multiplicavam e a "viabilidade" do setor era demonstrada (Cavalcanti, 1983), um estudo levado a cabo na capital peruana (Soto, 1987) vem provar que a informalidade é uma realidade. No caos da conurbação limenha — setores residencial, transporte e habitação — descobrem-se princípios de organização e mecanismos de regulação que vêm reforçar outra faceta de um caráter peculiar à crise deste final de século: a intensidade das contradições. Equiparando-se ao contraste entre riqueza e pobreza, do capitalismo selvagem, a incompetência política introduz aquele entre o aparente (formal) e o real (informal). A "ilegitimidade" crescente aprofunda, outrossim, o distanciamento entre a sociedade e o poder, configurando a decomposição institucional e o surgimento de "poderes paralelos".

A questão urbana apresenta-se, pois, não apenas para o geógrafo, porquanto a cidade é um campo de natureza transdisciplinar. Em nenhum melhor campo a heterogeneidade (cidades capitalistas, socialistas, do subdesenvolvimento) e a complexidade das forças intervenientes tornam precária a posição entre ideográfico e nomotético.

O anseio pela busca de um corpo teórico "próprio", na Geografia, iniciado a partir dos anos 50, mas deflagrado (revolução teórica-quantitativa) nos anos

¹⁸ É de notar-se que as próprias "favelas" das nossas cidades — consideradas um "espaço urbano ilegal", à medida que são estudadas vão sendo revelados fatos surpreendentes. Veja-se Segadas Soares (1987) sobre qualidade de vida nas 377 favelas do Município do Rio de Janeiro. O Sociólogo José Rios (1987) vê a favela como "habitação ao mesmo tempo solidária, orgânica e aberta" expandindo-se nas áreas não apropriadas ou apropriadas mas não ocupadas pelos proprietários, diferentemente do "cortiço" — uma forma de desadaptação, focos de problemas sociais e de epidemias. O Arquiteto Joaquim Guedes, de São Paulo, em entrevista à revista *Veja* nº 918 (09-04-86) aponta as favelas como lugares de criatividade arquitetônica onde ao lado ou em vez de "problema" esboçam-se as soluções.

60, não só se tem revelado frustrante quanto desnorteante. Um dos sintomas claros dessa tendência pode ser observado por um viés comportamental daqueles que mais se empenharam nesta difícil tarefa. Às vezes produz-se uma reviravolta completa na orientação inicial: caso de David Harvey, entre *Explanation in Geography* (1969) e *Social Justice and the city* (1973). Outras vezes o desencanto é mais profundo e radical: caso de W. Bunge (1966) abandonando tudo e tornando-se, como o personagem de Somerset Maugham em *O Fio da Navalha*, um *taxi-driver*.

Isto não deveria causar espanto. Segundo o depoimento de Celso Furtado (1985) sobre sua experiência nas discussões do Union Club da Universidade de Cambridge, onde já se revelara que "A lição era clara: o trabalho de teorização em Ciências Sociais é, em certa medida, uma prolongação da política". Não seria por isto que a revolução teórica veio servir de prólogo à (revolução ideológica) geografia radical?

Se houve um peso inercial na lentidão da passagem da concepção do mundo mecânico de Newton ao mundo orgânico pós-Einstein, o volteio rápido da passagem da concepção de "lugar" para "espaço" em Geografia está fadado a entrar em dicotomia com aquela do acaso e do caos.

O labirinto não é metáfora apenas para a Geografia, mas vale para toda a Ciência, onde o prestígio a que foi alçada pela eficácia da tecnologia foi seguido por um certo descrédito e, sobretudo, desconfiança em que caiu por obra do

estatuto atômico no poder mundial. A possível (e lamentada) perda de identidade e de limites da Geografia é um reflexo dos problemas que afetam a *episteme* como ciência.

Na minha opinião pessoal a grande crítica à Ciência de hoje se encontra mais bem construída na formulação de Paul Feyerabend (1975). O rótulo "anarquista" deve ser entendido na invalidação de um método único para conduzir a Ciência. A dificuldade em aceitá-la prende-se às deturpações produzidas na semântica de anárquico (*anarchos* = sem governante). A associação que o próprio autor estabelece entre sua atitude (científica) e aquela do movimento "dada" (artístico) não nos devia desviar da idéia central de sua crítica, que é o de flagrar os defeitos que atualmente afligem a Ciência e, visando a uma melhora na ciência do futuro, sugerir os meios de passar de uma para outra. A improcedência das preocupações com as polaridades racional-irracional, objetivo-subjetivo, descoberta-criação é agravada (a nível sociológico) com os problemas de especializações excessivas, das profissionalizações criadoras de "corporações" e as cristalizações instituídas em "escolas".

O fio de Ariadne para a superação do problema do labirinto ou do turbilhão espiralado em que se debate o homem de hoje parece estar na geração de um conhecimento mais conjuntivo, fazendo face à tendência crescentemente disjuntiva de hoje.

E a questão epistemologicamente não se esgota, porque um novo "conhecer" requer a elaboração de novas formas de "ser" e de "pensar".

3º MOVIMENTO

OS ESPELHOS

(O Pensamento entre Preparação e Fundação)

Como penetrar naquilo que até então lhe está reservado e aberto, o pensamento, de início, ainda deve aprender; nesta aprendizagem o pensamento prepara a sua própria transformação.

Aqui se tem em mira a possibilidade de civilização mundial, assim como apenas agora começou a superar algum dia seu caráter técnico-científico-industrial como única medida da habitação do homem no mundo. Esta civilização mundial certamente não o conseguirá a partir dela mesma e através dela, mas, antes, através da disponibilidade do homem para uma determinação que, a todo momento, quer ouvida quer não, fala no interior do destino ainda não decidido do homem.

Igualmente incerto permanece se a civilização mundial será em breve subitamente destruída ou se se cristalizará numa longa duração que não

resida em algo permanente, mas que se instale, muito ao contrário, na mudança contínua em que o novo é substituído pelo mais novo.

O pensamento preparador em questão não quer nem pode predizer um futuro.

Heidegger

O Fim da Filosofia

Na abertura da Feira do Livro de Frankfurt, em 6 de outubro de 1987, Umberto Eco proferiu uma conferência sobre "Irracionalismo ontem e hoje". Utilizou a própria variedade de conteúdo temático exibida na Buchmesse, como indicador da afinidade da crise atual com aquela do Século II da era cristã. Ali a barbárie produziu uma "espécie de saber misterioso" advindo da coincidência dos opostos e da queda do princípio de identidade — evidência de desagregação. Ele refere-se àquele universo como "um grande Teatro de Espelhos, onde qualquer coisa reflete e significa todas as outras".

Utilizo aqui este símbolo tanto no sentido emprestado àquele de Eco quanto visando, também, ao fato de que a associação da variedade dos espelhos e seus jogos de imagem com a variedade de propostas filosóficas oferecidas ao homem no interior do labirinto. Segundo o arbítrio de cada um, desde aquele do mais puro cristal à humildade de uma simples poça de água, a escolha de cada um pode ser feita segundo melhor lhe reflita a própria imagem.

Uma das questões basilares da atual crise histórica gira em torno da polaridade racional-irracional e os debates são especialmente fartos sobre a crise da razão. Eco procurou demonstrar, através de alguns exemplos, como a humanidade, ao longo de sua história, celebra, com recorrência, a crise de um determinado modelo de "racionalidade" para elaborar outro, concorrente ou alternativo. E demonstra que a História da Filosofia registra muitos modelos possíveis de racionalidade.

Metodizada por Descartes (1596-1650), purificada por Kant (1724-1804) e dialeti-

zada por Hegel (1770-1831) a razão no pensamento moderno, a partir das matrizes do idealismo alemão (Kant-Fichte-Schelling), congregou-se na proposta do Sistema de Hegel, de onde se ramificam as principais correntes do pensamento ocidental contemporâneo.

Amortecido por uma espécie de pacto apaziguador dos conflitos antecedentes, o sistema hegeliano seria desfeito, no Século XIX, por uma corrente de pensamento de ruptura e exaltação radical. O cientificismo gerador da nossa era tecnológica vem a par com a energia revolucionária-transformadora de Karl Marx.

Para desagrado de alguns "marxistas"¹⁹ Berman, em seu citado ensaio, proclama Marx como um marco da modernidade, vindo no Manifesto do Partido Comunista "além de tudo o mais que é, a primeira grande obra de arte modernista" (Berman, *op. cit.*, p. 101). Na impossibilidade pessoal de fornecer um pensamento capaz de "reencontrar uma compreensão unitária do homem", Sartre já proclamara o marxismo como a filosofia insuperável do Século XX, identificando-o como a própria "cultura", por ser a única que permitiria compreender as obras, os homens e os acontecimentos.

Para aqueles que não se contentam com a imagem de um só "espelho", sobretudo daqueles erigidos como únicos, perfeitos e "oficializados", há que recorrer a outros. E é preciso não esquecer o reflexo advindo dos "malditos". Sobre tudo do "portador"²⁰ Nietzsche, baluarte de nossa modernidade, a cuja crise deu uma notável visão de conjunto:

"De fato todo o grande crescimento traz consigo também um descomunal esboroamento e perecimento: o sofrer, os sintomas de declínio fazem parte dos tempos de descomunal avanço; cada fecundo e potente movimento da humanidade criou ao mesmo tempo um movimento nihilista. Seria, em certas circunstâncias, o sinal de um incisivo e essencialismo crescimento, para a passagem a novas condições de existência, que a mais extrema forma do pessimismo, o nihilismo, propriamente dito, viesse ao mundo. Isso eu compreendi." (Sobre o Nihilismo, p. 112).

¹⁹ Caso de historiador marxista inglês Perry Anderson que fez uma contundente crítica a Berman intitulada "Modernity and Revolution", publicada na *New Left Revue* e traduzida pela revista *Novos Estudos CEBRAP* — N.º 14, fevereiro de 1986, p. 2-15. Ver, a propósito, a tradução da resposta de Berman publicada na *Folha de São Paulo*, sábado, 24-01-87, Ilustrada — Seção Primeira Leitura — p. A-26.

²⁰ Designação dada a Nietzsche por Antonio Candido, num memorável artigo publicado em 1946 e reproduzido ao final do volume Nietzsche, da coleção "Os Pensadores" da Abril Cultural.

E, a propósito de razão, admite que:

"Mesmo o homem mais racional precisa outra vez, de tempo em tempo, da natureza, isto é, de sua postura fundamental ilógica diante de todas as coisas" (*Humano, Demasiado Humano*, p. 31).

A partir de uma crença no valor "purificador" de uma tal crise que encaminha os homens de maneiras de pensar opostas, mas capacitados a realizar tarefas comuns, e confere ao Homem o caráter de "um ente que deve ser ultrapassado", proclama: "Amo aqueles que não procuram através das estrelas uma razão para sucumbir e serem sacrificados: mas que se sacrificam à terra, para que a terra se torne um dia do além-do-homem" (*Assim Falou Zarathustra*: Prefácio).

Através das doutrinas da vontade de potência e do eterno retorno — estreitamente solidárias — ele nos esclarece sobre a preponderância do ente e o declínio do ser. O exacerbamento da vontade de potência no homem transformando-o num objeto de produção e reprodução, onde a ascensão do valor mercantil degrada os demais valores e conduz ao niilismo, ao "homem unidimensional" que caracteriza a presente crise histórica da era tecnológica.

Outro "reflexo" extremamente benéfico emanado de Nietzsche advém do fato de que ele não se prende ao homem ocidental, procurando antes atingir um homem de inteireza universal, além de que a travessia para o além-do-homem repousa num trabalho de ascese, de exercício preparatório.

Este pensamento preparador para a transformação é um ponto comum entre Nietzsche e Heidegger, tal como o evoco aqui na epígrafe a este movimento. Entre oficiais e malditos a mediação de Heidegger²¹ parece-me não só útil à compreensão da crise atual como, sobretudo, à preparação da modernidade futura. Partindo do substrato ontológico, pela revisão do "ser", chega a uma enriquecedora perspectiva, explicando tanto o obscurecimento do mundo (*Verdiesterung der*

Welt) quanto a despotenciação do espírito (*Entmachtung des Geistes*).

Em sua obra basilar *O Ser e o Tempo* (1927) o filósofo já expusera que o caminho que leva ao "ser" passa pelo homem, à medida que este está sozinho ("Deus está morto": Nietzsche) para interrogar-se e refletir sobre o seu próprio ser. A existência humana — na linguagem de Heidegger, o Dasein, "ser-aí" — seria o ponto de partida do filósofo.

Retornando à "questão mesma" da Filosofia a partir da declaração de Hegel: "O verdadeiro (da Filosofia) não deve ser concebido e expresso como substância, mas do mesmo modo como sujeito" e aquela de Husserl, cem anos depois: "Não é das filosofias que deve partir o impulso para a pesquisa, mas das questões e dos problemas", apoiando-se na "redução transcendental" deste último: admite como caráter da questão mais própria da Filosofia e método da "ciência universal" a constituição do ser do ente.

O fim da Filosofia para Heidegger é o fim da Filosofia enquanto Metafísica, desde que esta atingiu suas "possibilidades supremas" dissolvendo-se no surto crescente das ciências que esvaziam a problemática filosófica.

O filósofo da "praxis social", através da qual o mundo pode ser "transformado", admitia que "não se pode realizar a Filosofia senão superando-a, e só se pode superá-la realizando-a"²². O filósofo que complementa o super-homem (condenado de hoje) ao além-do-homem (redimido, do amanhã) admitia que todo o ser é "vir-a-ser" (vontade de vontade).

A mediação de Heidegger é original, porquanto, se para o materialismo de Marx o fim da Filosofia seria a sua "supressão" para dar lugar à *praxis* (transformadora), e para os neo-positivistas, como Wittgenstein, o seu "desaparecimento" após realizar sua função (depuradora) através de "linguagem", para

²¹ Utilizei aqui o texto "O Fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento" — cujo original foi uma conferência pronunciada em 1964 e publicada em Tübingen em 1969 — segundo a tradução contida no volume Heidegger da Coleção "Os Pensadores", da Abril Cultural. A tradução em pauta é de Ernildo Stein, cuja nota introdutória me foi de muita ajuda. Precioso reforço encontrei no ensaio de Benedito Nunes: "Passagem para o Poético (Filosofia e Poesia em Heidegger)".

²² Citado por Nunes — *op. cit.* Nota 39, p. 247. "Para la crítica de la Filosofía del Derecho de Hegel" in Marx, C. & Engels, F. La Sagrada Familia y Otros Escritos — Mexico, Juan Grijalbo, 1959 — p. 8-9.

Heidegger o fim da Filosofia é a “última possibilidade” que uma vez tentada se transmuda em “primeira possibilidade”, a partir da qual se refaz toda a questão do “pensamento”.

Sua estratégia para pensar o ainda impensado na questão da Filosofia Metafísica, como em seu método, via uma dialética especulativa (diferente de Hegel), é “um modo como a questão da Filosofia chega a aparecer a partir de si mesma, tornando-se assim presença”. Um tal aparecer necessita de uma certa clareza que, numa dimensão de abertura e liberdade, aqui e acolá, pode clarear-se. Esta clareza, “que acontece no aberto e aí luta com a sombra”, é por ele designada como a Clareira (*die Lichtung*). Apoiando-se numa máxima de Goethe: “Que não se invente procurar nada atrás dos fenômenos: estes mesmos são a doutrina”, explica que “o próprio fenômeno, no caso presente, a clareira, nos afronta com a tarefa de, questionando-o, dele aprender, isto é, deixar que ele nos diga algo”. E acrescenta:

“De acordo com isto, o pensamento provavelmente não deverá temer levantar um dia a questão se a clareira, a livre dimensão do aberto, não é precisamente aquilo em que tanto o puro espaço quanto o tempo estático e tudo o que neles se apresenta e ausenta possui o lugar que o recolhe e o protege.”

Daí a importância que Heidegger confere à topologia:

“Conjunto de localizações do ser, de sítios, de paisagens que vêm ao nosso encontro, principalmente na fala da linguagem” (Nunes, op. cit., p. 282).

Retomando a experiência dos filósofos antigos, a hermenêutica de Heidegger revive de Parmênides a *alétheia*, traduzida como o “desvelamento em vez de verdade”. Diferentemente da idéia de Hegel, para quem verdade implicava “certeza do saber absoluto”, a natureza do significado desse “desvelamento” é um pretexto para que o filósofo reexamine a polaridade racional-irracional:

“... Que significa razão e princípios de todos os princípios? Pode ser isto algum dia satisfatoriamente determinado sem que experimentemos a Alétheia de maneira grega como o desvelamento, para pensá-la, então, para além dos gregos como a clareira do ocultar-se? Enquanto a RATIO e o racional permanecerem duvidosos no que possuem de próprio, fica também sem fundamento falar

irracionalismo. A racionalização técnico-científica que domina a era atual justifica-se, sem dúvida, de maneira cada vez mais surpreendente através de sua inegável eficácia. Mas tal eficácia nada diz daquilo que primeiro garante a possibilidade do racional e irracional. A eficácia demonstra retitude da racionalização técnico-científica. Esgota-se, no entanto, o caráter de revelado daquilo que é, na demonstrabilidade? Não tranca a insistência sobre o demonstrável justamente o caminho para aquilo que é?”

Cada época da Filosofia possui sua própria necessidade. Que uma Filosofia seja como é — recomenda Heidegger — deve ser simplesmente reconhecido. Não nos compete preferir uma à outra, como é possível quando se trata das diversas visões do mundo.

Uma explicação de fundamental importância: “O antigo significado de nossa palavra ‘fim’ (*Ende*) é o mesmo que o da palavra ‘lugar’ (*Ort*): ‘de um fim a outro’ quer dizer ‘de um lugar a outro’. O fim da filosofia é o lugar, é aquilo em que se reúne o todo de sua história, em sua extrema possibilidade. Fim como acabamento, quer dizer, esta reunião”.

Em seu ensaio, Benedito Nunes resalta o rol de problemas que configuram a crise de hoje, às quais Heidegger confere especial atenção: a devastação da terra, a massificação e a perda da individualidade do homem, o seu exílio ou apatridismo (o qual entra em sintonia com o “princípio de alienação” de Marx), a fuga dos Deuses do lugar do homem.

E, a propósito de “lugar”, pergunta e esclarece Nunes:

“Mas que lugar seria esse senão o sistema do mundo atual? Mas como o sistema do mundo apenas ensombrece a clareira onde o Dasein se encontra, sempre a derradeira primavera da Filosofia pode anunciar o verão de um novo modo de pensar, de um novo começo de pensamento, na expectativa do qual se empenha a prática mediante de Heidegger, no intervalo da viragem — de um modo de pensar que seja ao mesmo tempo uma transformação (Wandlung) do pensamento e da relação do homem com o ser”.

E assim, mediador que foi neste ponto de virada tão importante na Filosofia de hoje, Heidegger transfere (ou instaura) o poder de mediação do pensamento à “Poesia”, tomando-a como manifestação da arte por excelência, e como “topologia do ser”. A poesia seria, assim, a dimensionadora deste espaço de confronto, dimensionadora do homem e sua morada no mundo.

A saída do impasse do labirinto, propiciada pelo encontro, na clareira, daquele algo que venha a produzir a unidade abrangente na pluralidade do acontecer. Para voltar à ligação e à sutura entre a terra e o céu, os mortais e os imortais — o *Geviert* ou Quadripartite de Heidegger —, a linguagem aparece não como “terapia” (Wittgenstein) mas como acontecimento — apropriação (Ereignis), acesso ao sentido como transporte de significação: juntura do ser e do tempo.

No meu entender, a Geografia tem a função primordial de capacitar o homem a encontrar a habitação do ser-no-mundo. Não importam suas variações e oscilações através dos tempos históricos. O que permanece — tal como o núcleo do átomo cercado das mais estranhas propriedades entre os constituintes e em relação à energia que o define — é o vínculo primordial, entre o homem e o lugar na terra, onde os mortais residem, junto com as “coisas”.

“Árvore e ponte, cântaro e nuvens, terra e sol, casa e montanha, bosques,

veredas e caminhos não são objetos representados nem entes-à-vista, mas coisas como lugares, que espaceiam aproximando e distanciando de todas as outras: pontos de reunião, de ajustamento, na unidade coligente do Quadripartite. A coisa que aproxima distanciando e distancia aproximando “é a dimensão propriamente dita, a dimensão única do jogo de espelhos do mundo”. (Nunes, *op. cit.*, p. 271-272).

Hölderlin, poeta da predileção de Heidegger, e seu objeto de análise, em vários momentos de sua vida evocou em seus poemas o país natal, o lugar de origem, o lar: *Die Heimat*. Que o portavoiz do filósofo alemão prepare a clareira para o meu último movimento.

DIE HEIMAT

*Froh kehrt der Schiffer heim an den stillen Strom
Von fernen Inseln, wo er geerntet hat;*

*Wohl mocht' auch ich zur Heimat wieder;
Aber was hab' ich, wie Leid, geerntet?*

Ihr holden Ufer, die ihr mich auferzogt

Stilt ihr der Liebe Leiden? ach! gebt ihr mir,

Ihr Walder meiner Kindheit, wann ich

Komme, die Ruhe noch Einmal wieder? 23

4º MOVIMENTO

OS SINOS

(O Situar-se para o Acontecer)

GRIVO: Pai Tadeu, absolvição não é o que se manda buscar — que também pode ser condena. O que se manda buscar é um raminho com orvalhos...

Tadeu: A vida é certa, no futuro e nos passados...

Mainarte: A vida?

Tadeu: Tudo contraverte...

JOÃO GUIMARÃES ROSA
Corpo de Baile
(Cara-de-Bronze)

Após quarenta anos de trabalho (pesquisa e ensino) em Geografia,²⁴ vindo de um tempo onde o mundo se organizava segundo a partilha em grandes impérios coloniais (já declinantes), passando pela Segunda Guerra Mundial até ao tempo de hoje, onde a crise generalizada coloca estrutura do poder segundo o estatuto atômico, chego a um momento propício à reflexão.

Hölderlin, o poeta, já notara que “O Homem é um deus quando sonha e um mendigo quando reflete”. Entre reflexão e sonho perscruto a voz dos sinos. Se-

²³ Esta é a forma sob a qual se apresenta em 1789 um poema retomado (1800) outras vezes. O sentido de “volta ao lar” que apresento no original, equivaleria aproximadamente: Ao rio calmo, feliz retorna o barqueiro das / ilhas distantes, onde pescou; / Também eu gostaria de voltar ao meu lar / Mas que colhi eu além de dor? / Queridos barrancos que me guiam / consolam vocês males de amor? Oh! bosques de minha infância, / ao meu retorno dai-me paz uma vez mais. Este fecho de Hölderlin entra em sintonia com Rosa, no movimento final.

²⁴ De março de 1947, quando iniciei o curso de Geografia e História na antiga Faculdade Nacional de Filosofia da então Universidade do Brasil, até março de 1987 quando me aposentei como Professor Titular de Geografia Física na Universidade de São Paulo. Além da obra pessoal há o trabalho de orientação tanto aplicada a estudos de planejamento quanto sobretudo a alunos de pós-graduação: 13 mestres e 7 doutores, além de alguns alunos que ainda continuo orientando.

riam eles de condenação ou absolvição? Algo na minha reflexão me induz a crer que, como no sermão de John Donne, eles dobram por mim.

Para bem refletir talvez seja melhor distanciar-me. Aos apelos e mensagens que o mundo me envia, muito da escolha significa ter de entrar em conflito. Seria covardia procurar o ponto neutro? Transpondo, na ordem ética, os sinais que recebo, prefiro seguir a sugestão de Roland Barthes (1978) e tentar “não entrar no jogo do paradigma, ou seja, de se esquivar de suas combinações e arrogâncias”. Substituir o apelo da *praxis*, acompanhada da arrogância do dogma, e preferir a ética como corpo geral de discussão. A experiência por mim vivida foi demasiadamente forte para que eu submerja ao canto de qualquer sereia.

Desarmar o paradigma (ou os paradigmas vigentes) talvez seja esquivar-se daquilo que Ricardo Campa admite como “aquele momento magmático e indiferencial a que são congênicas a adesão, a filiação virtual de todos, sem que a consciência da totalidade ou da maioria dos componentes comunitários se explicita ou se manifeste”. (...) “Os dilemas propostos pela experiência contribuem para tornar retrátil a ação e cada vez mais manifesta a intenção: assim o ator social se convence até mesmo do ainda-não-verdadeiro ou do quase falso que constituem os ordenamentos conjeturais do conhecimento” (Campa, 1985, p. 14).

Muitas posturas de geógrafos de agora são proclamadas em nome da necessidade de “ser solidário com o momento histórico”. Mas talvez seja melhor correr o risco de pretender, como Mircea Eliade²⁵ pretendeu, seguir aquela trilha preconizada por Buda e por Sócrates: “Ultrapassando o seu momento histórico e criando ou preparando outros”.

Deve o homem que medita experimentar o coração inconcusso do “desvelamento”? pergunta Heidegger. E aponta: “o lugar do silêncio que concentra em si aquilo que primeiramente possibilita desvelamento”. Tanto o pensamento especulativo quanto o intuitivo necessitam da

clareira, que pode ser percorrida e cria a possibilidade do aparecer, isto é, “a possibilidade de a própria presença apresentar-se”. (Heidegger, *O Fim da Filosofia*, p. 78-79).

Evoco Guimarães Rosa (como Heidegger evoca o seu poeta Hölderlin), justamente fazendo apelo a uma de suas estórias mais fantásticas — Cara-de-Bronze —, onde há um vaqueiro falastrão, hábil em contar “longas estórias”, que representa, na trama do conto, o papel de “mensageiro da poesia”.²⁶

Na “contravertência” da vida — evocada ali no diálogo de vaqueiros que tomei como epígrafe a este último movimento — configura-se-me a clareira, da qual eu possa vir a fruir o desvelamento (alétheia) na perfeição esférica do movimento que, girando na pura circularidade do círculo, em qualquer ponto começo e fim coincidem. Tal como no *Tao*, onde caminho a percorrer e percurso confundem-se (como meio e objeto). Vontade de potência que impele o “ente” para a frente, complementado pelo eterno retorno, acomodativo do “ser”.

Os sinos podem não estar dobrando por um fim. Bem podem estar bimbalhando para um anunciar de Páscoa: um renascer. Hoje, liberto da rotina pedagógica e aliviado da burocracia universitária, tenho direito de veto sobre o que não me agrada e o prazer de dispor de mais tempo para estudar, tentar preencher enormes lacunas, muitas das quais talvez não consiga concluí-las. Há um duplo movimento que me impele.

Para o futuro, espero o progresso da Ciência, sobretudo no campo da linguagem matemática, para resolver problemas que ficarem em suspenso do meu programa de investigação. Uma parte do meu esforço, sobretudo nos anos 60 e 70, foi dirigida à investigação do clima brasileiro, ao qual sempre procurei imprimir um caráter dinâmico, compatível com o caráter dos processos geográficos, notadamente à atividade humana. Trabalhei com informação precária: dados lacunares de superfície e cartas sinópticas. Introduzi meus alunos a técnicas melhores

²⁵ Coligido, segundo informa o Professor Ricardo M. Gonçalves em artigo na *Folha de São Paulo*. “Folhetim”, de 25 de março de 1986 (por ocasião da morte do autor) em conferência proferida por Eliade em 25-08-1947.

²⁶ Maior desenvolvimento do tema foi feito em outro trabalho (Monteiro, 1988), onde é focalizada a obra *Corpo de Baile*.

graças aos progressos da observação meteorológica, notadamente graças ao advento dos satélites meteorológicos. Mas esbarramos nas limitações das análises estatísticas e formulações matemáticas insuficientes a penetrar na natureza daquilo que considero fundamental na análise geográfica do clima: o ritmo, o pulsar dinâmico da atmosfera sobre os lugares do homem. Cadeias de Markov, análises multiespectrais e outras técnicas sempre acabaram por revelar sua incapacidade de exibir aquilo que procurei. Evoluir do “tempo”, definir “cadeias de tipos de tempo” em sucessão — no habitual e seus desvios — até produzir algo capaz de representar, com clareza satisfatória, o “ritmo” em sua complexa temporalidade e expressão espacial: eis o problema.

Hoje, não tenho apenas a esperança mas a certeza de que esta solução está bem mais próxima do que eu poderia imaginar alguns poucos anos atrás. E isso advém dos consideráveis avanços que, a passos largos, se vêm obtendo naquele enigma que pode ser até mesmo utilizado para caracterizar a crise de nossos dias: o caos.

Algo de muito importante se avizinha. Após a revolução de Einstein (Bohr, Heisenberg) e dos quanta, cuja reviravolta na ciência ainda não chegou a ser devidamente assimilada, as revelações que advirão desse penetrar nos mistérios do “caos” parecem ser inimagináveis.

Tão antigo quanto remontam aos gregos, com Zenão de Elea, procurando pará-lo, sem o fixar e dividir em segmentos, a compreensão cabal do movimento tem sido um desafio ao longo das eras. Em nossa modernidade, as preocupações de Poincaré, no final do século passado, com a “dinâmica não linear”, extravasaram para nosso século. No início dos anos 70, René Thom provocou muita surpresa ao propor em sua “Teoria das Catástrofes” uma nova maneira de analisar as transformações que ocorrem nos mais variados tipos de fenômenos — dos físicos, biológicos aos sociais — que se registram de forma simultaneamente brusca, imprevista e muitas vezes dramática.

Mas no Congresso Internacional de Matemáticos, realizado em Vancouver, em 1974, o assunto já era amplamente debatido, e a teoria criticada, assimilada, complementada por outros cientistas.

Entre a primeira conferência sobre o caos, realizada em Como, Itália (patrocinada pelo Instituto de Tecnologia da Geórgia, USA, sob a égide do físico Joseph Ford), e o Simpósio Nobel de 1984 em Göteborg, Suécia, plantou-se um marco decisivo na Ciência. Grandes esperanças repousam na seqüência das investigações teóricas do físico M. J. Feigenbaum (1979) a partir de pesquisas iniciais sobre equações não lineares, com modelos visuais elaborados em computadores, de onde emanam revelações da mais alta importância. Ao mesmo tempo, no campo da Química, os estudos de I. Prigogine²⁷ vêm descobrindo o que vem designando como “estruturas dissipativas de energia”, ou seja, situações de desequilíbrio químico que não desembocam necessariamente na anarquia mas no aparecimento espontâneo de estruturas organizadas. A passagem de manifestações alternativas de caos e ordem dão lugar a um postulado pós-moderno: “Caos é ordem ainda não descoberta e ordem é caos ainda não revelado”.

Neste passo novo além e complementar da nova ordem científica revelada pela microfísica e os quanta, desmorona-se, por completo, a idéia de um universo regulado como um relógio. A revelação de estruturas de não-equilíbrio vem abalar a polaridade objetivo-subjetivo e os alicerces da “verdade” científica.

Numa de suas cartas a Nils Bohr, Einstein apresentou uma assertiva que ficou famosa, e sobre a qual muito se tem falado:

*“Você acredita no Deus jogador de dados e eu na perfeita norma de lei dentro de um mundo de alguma realidade objetiva que tento aprender de um modo desentreadamente especulativo”.*²⁸

Admitir que “Deus não joga dados” pode ser a admissão de que existe uma verdade do Universo que está além da vida contingente dos homens. As leis do Universo e o enigma de Deus são o pro-

²⁷ A divulgação das idéias centrais deste químico é feita na obra Prigogine, Ilya & Stengers, Isabelle — intitulada *La Nouvelle Alliance*.

²⁸ Segundo a indicação feita por Popper no *Conhecimento Objetivo* (Tradução Brasileira p. 351 — Nota 32) tal carta é citada, no original alemão e em tradução inglesa por Marx Born em sua obra *Natural Philosophy of Cause and Chance*, 1949, p. 122.

blema que ocupa, atualmente, a inteligência privilegiada do grande físico de Cambridge: Stephen Hawking. O desvelamento do “caos” — seja ele do comportamento climático, seja da vida urbana, ou, quem sabe, das sociedades humanas, pode avançar enormemente a Ciência, sobretudo pelo que advirá do esboroamento de um “cientificismo”, o que será fatal quando se aceitar a incompetência da Ciência em descobrir uma “ordem última” na natureza e nas coisas. Objetivo-subjetivo; realidade-ficção; descoberta científica-criação artística, e outros dualismos ora tão aparentemente importantes, estarão fadados a desaparecer.

Talvez seja isto o que esteja faltando para podermos alocar um novo modelo de “racionalismo” que — segundo deseja Umberto Eco — nos leve a resgatar o princípio de identidade perdida e reinstaurar um novo *modus ponens*. Dissipará esta nova aurora o conflito entre a paisagem e o espaço (problema geográfico) recriando uma nova concepção do lugar do homem no Universo (problema cosmológico)? Se o desejo de potência nos conduzir, através da revelação do enigma do caos, a encontrar aquele “algo” capaz de sustentar as coisas e aglutiná-las, será isto um retorno ao “lugar”?

O movimento oposto-complementar do eterno retorno já se manifesta na crise histórica da atualidade de vários modos. Na literatura isso representa um movimento recente mas muito significativo. Na França o *nouveau roman* destruiu a concepção do lugar e, interiorizando-o no homem, atingiu o antiespaço. Um registro especialmente sugestivo é aquele resultante do simpósio realizado entre 8 e 9 de maio de 1981 no Centro de Estudos do Romance e do Romanesco da Universidade de Picardia (França), divulgado no volume *Espaces Romanesques* (Crouzet, 1981).

A esta iniciativa, partida da crítica literária em direção ao caráter geográfico dos lugares nos espaços romanescos, junta-se uma outra, na Inglaterra, partida dentre a comunidade de geógrafos, regis-

trada no volume *Humanistic Geography and Literature* (Pocock, 1985), na qual se encontram doze ensaios sobre a “experiência do lugar” na literatura. Admitem os adeptos desta geografia humanística que — excetuadas a ficção científica, a fantasia e a alegoria — a noção de “lugar”, onde a ação se liga a uma dada realidade geográfica, contém uma “verdade” que (embora obra de imaginação e criação literária) pode estar além daquela advinda da observação acurada e do registro sistemático dos fatos pela análise científica. Segundo explica Pocock, na introdução da obra, “o comprometimento do geógrafo com a literatura, na sua preocupação com o rigor do lugar, varia ao longo de um *continuum* entre a configuração da paisagem e a condição humana”.²⁹

Houve épocas em que o discurso geográfico era, ao mesmo tempo, de qualidade literária. Tome-se, por exemplo, o caso da monografia de Emmanuel de Martonne sobre a Valáquia, como um exemplo dentre outros da fase lablacheana de exaltação “regional”. A preocupação em “cientifizar” a Geografia responde, em grande parte, pelo empobrecimento do discurso do geógrafo. E a crescente preocupação em “explicar” (atributo da Ciência) foi obscurecendo aquilo que era o “descrever”, tido progressivamente como sobrecarga fatural e retórica.

Antes do definir e do explicar em Geografia deve estar presente aquele mesmo postulado que Barthes preconizava para a lingüística. Descrever, tanto para a palavra (lingüística) quanto para o lugar (Geografia) deve ser um *des-trançar*. A literatura, como forma de arte, magnífica e transgride como atitude potencial aquilo que ajuda a percepção do “real” pelo desvelamento dos códigos comportamentais. Balzac pode ser admirado como paisagista dos vales do Dauphiné, onde uma “geografia metafísica” é pressentida no *Le Medicin de Campagne* (Arlete Michel in Crouzet, 1981, p. 141-156). A obra de Thomas Hardy é de imenso sentido geográfico e em *Tess*

²⁹ No estudo que fiz para a Fundação Joaquim Nabuco (Monteiro, 1988) — conferência no Seminário de Tropicologia, apresento esta nova linha de pesquisa, ilustrada pelo ensaio “A Percepção Holística da Realidade do Sertão a partir de um Mosaico Romanesco: o “Corpo de Baile” de Guimarães Rosa”. No curso que apresentei na Fundação Gilberto Freyre, tive ocasião de confrontar o caráter geográfico de lugar da referida obra com aquele contido no *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e no *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo.

des *Ubervilles* ele supera-se, apresentando um perfeito estudo histórico-geográfico da mutação agrícola, pela entrada da mecanização, no Essex; a obra de Panaït Istrati, vale por um curso de geografia e história da Romênia".³⁰

Na pintura, a evolução dos espaços pictóricos é igualmente sugestiva e ajuda a sublinhar estes aspectos do caráter artístico-científico de hoje. Com *Les Femmes d'Alger (O Jovem)* (1907) Picasso provocou toda uma revolução, afetando toda a nossa modernidade atual — comparável àquela produzida por Velasquez com *Las Meninas* (1656) —, onde, da perspectiva dos espaços euclidianos, ao tridimensionalismo do cubismo, e daí aos espaços relacionais múltiplos, se abriu à abstração, a toda a carga complementar (inclusive o resgate do trivial nas latas de sopas Campbell da pop-art de Andy Warhol) quando se atinge o caos atual. Um desvelamento na pintura parece estar sendo demonstrado por Anselm Kiefer, na sua "celebração do apocalipse pela cremação" e mostra de uma visão (profética?) reveladora de uma nova vida. No auge da crise e num panorama pictórico externamente variado e complexo talvez seja muito pretensioso captar na obra de Kiefer³¹ um sinal tão importante como o demonstrativo de uma "virada". Quero crer, contudo, que sua pintura presente pelo menos o "fecho" da crise atual, a partir do qual, renascerão os novos caminhos.

Se a crise atual configura-se, acima de tudo, como o triunfo do equipamento controlável de um mundo técnico-científico e da ordem social e econômica a ele correspondente no ocidente, o ponto

de virada (ou "da mutação"), segundo Capra (1982), há de marcar a passagem de uma civilização mundial, fundada no pensamento ocidental-europeu.³² É possível que a partir dessa virada se passe a pensar em termos de um homem universal, em direção a uma civilização mais ampla, de caráter holístico.

Como está provado sob diferentes ângulos da cultura, o homem eleva-se à universalidade a partir do aprofundamento em suas raízes nacionais. Algumas das figuras mais destacadas em nossa nascente cultura são profundamente brasileiras e, como tal, se projetaram em nível do universal. Tais são os exemplos de Villa-Lobos na Música, de Guimarães Rosa na Literatura e de Gilberto Freyre nas Ciências Sociais.

Assim sendo, creio que nos cabe assumir nossa condição de homem situado nos trópicos para erigir nossa contribuição à Geografia, em particular, e à Cultura, em geral. Situar-nos em nosso lugar para o "acontecer" (heideggeriano) de um novo mundo. E a elaboração (por nós) ou o acontecer (em nós) deste novo mundo virá a exigir uma norma mais holística para o homem. Será algo que considere os Evangelhos, o Corão, os livros de sabedoria orientais: o I Ching, o livro dos Vedas, Gita, Upanixades; que escute as poderosas vozes d'África; que não esqueça as mensagens americanas anteriores a Colombo: do sofisticado das sociedades urbanas das cordilheiras e altiplanos até a simplicidade neolítica da pajelança dos nossos índios; que se recolham as mensagens do Pacífico.³³

³⁰ Panaït Istrati (1884 — 1935) foi um escritor romeno que viveu uma vida de marginalidade, percorrendo Europa e norte de África. Parte significativa de sua obra foi escrita diretamente em francês, e patrocinada por Romain Rolland. Este vagabundo genial, nascido e morto em Braila, atinge a categoria do sublime universal através de uma obra visceralmente ligada ao seu lugar. Em 1984 — ano do centenário de seu nascimento e do Congresso Internacional de Geografia da UGI, em Paris, tive conhecimento de sua existência e adquiri parte de sua obra, publicada em caráter comemorativo a seu centenário, por Gallimard.

³¹ Anselm Kiefer, pintor judeu-alemão, atualmente com 42 anos de idade, teve alguns de seus trabalhos exibidos na Bienal de São Paulo do ano passado — 1987. Uma retrospectiva geral de sua obra foi exibida nos Estados Unidos, iniciada no Museu da Filadélfia (junho-setembro de 1987) e concluída no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (12 de outubro de 1987 a 03 de janeiro de 1988).

³² A hegemonia do poder-saber ocidental (judaico-cristão capitalista) é qualquer coisa que lembra o ultrapassado conceito de "erosão normal" onde o caráter climático de 10% da superfície do globo adquiria foros de "normalidade" sobre os 90% restantes, vistos como "acidentes climáticos" (trópicos, desertos, etc.).

³³ Isto vem a propósito da obra do Antropólogo Marshall Sahlins da Universidade de Chicago, que visitou a USP no ano passado. Suas obras *Sociedades Tribais* e *Cultura e Razão Prática* foram editadas entre nós pela Zahar. O interessante é sua discordância na existência de uma "teoria única" da História, aplicável a todas as culturas, a todos os quadrantes do globo.

Poderá ser dito que se não foi possível irmanar a humanidade após dois milênios de cristianismo, isso não será próprio do homem. Mas, pelo menos, que se demonstre uma "virada" em outra direção. A procura do desvelamento de um outro "lugar" não elimina a possibilidade do não-lugar: a utopia. Se Platão baniu da sua República os "poetas" (por motivos políticos) isso não elimina a presença ou perenidade do filósofo. Isto pela sensibilidade (metafísica) que é reveladora daquilo que há de contemporâneo (o outro) e do tão antigo na mente humana (o mesmo). A perenidade de Platão advém daquilo que, segundo lembra Theodore Roszak (*apud* Campa, p. 78), seria aquela "firme determinação de deixar aberta a passagem através de qual a mente pudesse passar da filosofia ao êxtase, do intelecto à iluminação."

A tríade de filósofos, que procurei aqui trazer para meu apoio, de certo modo exhibe idéias que se interpenetram à medida que: Heidegger pensa a Filosofia como Metafísica e — admite ele — que Metafísica é Platonismo. Nietzsche caracterizou sua Filosofia como "platonismo invertido", enquanto Marx produziu a "inversão da Metafísica", levando a Filosofia à sua suprema possibilidade. Que não é "dissolução", mas seu "acabamento". Não será "decadência" mas "renascer".

Que o homem volte a encontrar o seu lugar na Terra e que sua Geografia venha a descrever, dar conta daqueles novos contornos que o desvelamento do enigma do caos nos trará. Paisagem ou espaços diferentes da tristeza de hoje. Que contenham a alegria.

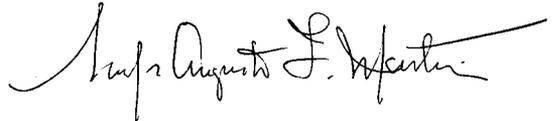
E que nosso apelo ao poeta — para o almejado desvelamento — não necessite limitar-se a Whitman, cantando a democracia ou a Maiakowsky, celebrando a revolução. Que ressoe um coro que, remontando ao passado, evoque o anseio futuro: a ode que Schiller escreveu e Beethoven incorporou ao grande coral do fim de sua Nona Sinfonia:

*O Freunde, nicht diese Töne!
Sondern laßt uns angenehme anstimmen
und freudenvollere!*

*Freude, Schoner Gotterfunken
Tochter aus Elysium.
Wir betreten feuerthunken,
Himmlische, dein Heiligtum!
Deine Zauber binden wieder,
Was die Mode streng geteilt;
Alle Menschen werden Bruder,
Wo dein sanfter Flugel weilt.*

*Amigos, basta desses cantos!
Entoemos um outro e mais agradecido:
O cântico do júbilo!*

*Alegria, brilhante centelha da divindade,
Filha do Elísio.
Adentramos, semblantes ardentes,
Teu glorioso santuário!
Tua força mágica irmana,
O que o mundo separou;
Todos os homens tornam-se irmãos,
Onde a asa tua gentil pousou.³⁴*



CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO

BIBLIOGRAFIA

AMORIM FILHO

1985 — Reflexões sobre as tendências teórico-metodológicas da Geografia. Departamento de Geografia, Instituto de Geociências. PUBLICAÇÃO ESPECIAL N.º 2 — 56 p. Belo Horizonte, UFMG, 1985.

1982 — A Evolução do Pensamento Geográfico e suas Conseqüências sobre o Ensino da Geografia. GEOGRAFIA E ENSINO N.º 1 — p. 5-18. Departamento de Geografia — Instituto de Geociências. Belo Horizonte, UFMG, 1982.

ARMAND, D.; GERASIMOV, I. & PREOBRAZHENSKY, V.

1924 — GEOGRAPHICAL PROGNOSTICATION — PROBLEMS AND PROSPECTS — p. 23-30. Moscow, Progress Publishers, 1986.

³⁴ Apresento aqui, ao lado do original do início da "Ode à Alegria" (*Ode an die Freude*) a tradução de Mario Willmandorf Júnior (1986 — MW Editorial Ltda.).

BARTHES, R.

1978 — O Neutro (o desejo do Neutro). Curso — Conferência proferida no College de France em fevereiro de 1978. Tradução e Seleção de Lisette Lagnado. FOLHA DE SÃO PAULO, sábado, 03/10/87 — Ilustrada, A30.

BERNARDES, N.

1982 — O Pensamento Geográfico Tradicional. REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA, 44(3):391-413, Rio de Janeiro, IBGE, julho/setembro de 1982

BERMAN, M.

1982 — TUDO QUE É SÓLIDO DESMANCHA NO AR — A Aventura da Modernidade. Tradução de Carlos Leite Moisés e Ana Maria L. Toriatti. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

BUNGE, W.

1966 — THEORETICAL GEOGRAPHY. Lund Studies in Geography. Ses. C. General and Mathematical Geography nº 1. Lund, The Royal University of Lund, 1966.

BURSZTYN, N.; CHAIN, A. & LEITÃO, P. (Organizadores)

1984 — QUE CRISE É ESTA? São Paulo, CNPq — Brasiliense, 1984.

CAMPA, Ricardo

1985 — A ÉPOCA DAS INCERTEZAS E AS TRANSFORMAÇÕES DO ESTADO CONTEMPORÂNEO. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo, Instituto Italiano de Cultura — DIFEL, 1985.

CAPRA, Fritjof

1976 — THE TAO OF PHYSICS. Boulder, Shambhala Publications Inc., 1976.

1982 — THE TURNING POINT: Science, Society and The Rising Culture. New York, Bantam Books Inc, 1982.

CARDOSO, Sergio et alii

1985 — OS SENTIDOS DA PAIXÃO. Curso Fromovido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas da FUNARTE em 1985. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

CAVALCANTI, Clovis

1983 — *Viabilidade do setor informal: A demanda de pequenos serviços no grande Recife*. 2ª ed., Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, SUDENE, Recife, 1983.

CROUZET, Michel (Organizateur)

1981 — ESPACES ROMANESQUES — Textes regroupés d'un Colloque (08/05/81). Centre d'Études du Roman et du Romanesque. Université de Picardie. Paris, Presses Universitaires de France, 1982.

DOXIADIS, C. A.

1968 — EKISTICS: AN INTRODUCTION TO THE SCIENCE OF HUMAN SETTLEMENT. London, Hutchinson, 1968.

ECO, Umberto

1987 — Irracionalismo Ontem e Hoje. — Discurso proferido a 06/10/87 na abertura da Feira de Livros de Frankfurt. — Tradução de Roldão Arruda — FOLHA DE SÃO PAULO — Ilustrada — sábado — 31/10/87, folhas A-36 e 37.

FEIGENBAUM, M. J.

1977 — Metric Universality in Nonlinear Recurrence — Stochastic Behaviour in Classical and Quantum Hamiltonian Systems — Volta — Memorial Conference, Como, 1977. LECTURE NOTES IN PHYSICS, Nº 93 p. 163-166. Berlim, Springer — Verlag, 1979.

FERREIRA, Édson A. C.

1986 — O MUNDO CONTEMPORÂNEO — As Grandes Mudanças Geopolíticas e Econômicas nos Últimos 50 Anos: conceitos e textos básicos (163 p. Ilustrado). São Paulo, Editora NUCLEO, 1986.

FEYERABEND, Paul

1975 — AGAINST METHOD — Outline of an anarchistic. Theory of Knowledge. London, NLB, 1975.

CONTRA O MÉTODO — Esboço de uma Teoria anarquista da teoria do conhecimento. Tradução de Octanny S. da Mota e Leônidas Hegenberg. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

FLUSSER, Vilém

1988 — Caos de ordem: reflexão pós-moderna. BOLETIM DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA. Número 7, p. 8 e 9. São Paulo, março de 1988.

FURTADO, Celso

1985 — A FANTASIA ORGANIZADA. Col. Estudos Brasileiros, Vol. 89. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

- GOLD, John
1980 — AN INTRODUCTION TO BEHAVIOURAL GEOGRAPHY. Oxford, Oxford University Press, 1980.
- HAGESTRAND, Thor
1970 — What about people in Regional Science? PAPERS OF THE REGIONAL SCIENCE ASSOCIATION, número 24 p. 7-21.
- HARVEY, David
1969 — EXPLANATION IN GEOGRAPHY. London, Edward Arnold Publishers, 1969.
- 1973 — SOCIAL JUSTICE AND THE CITY. London, Edward Arnold Publishers, 1973.
- HEIDEGGER, Martin
(*) — CONFERÊNCIAS E ESCRITOS FILOSÓFICOS. Tradução, Introdução e Notas de Ernildo Stein Coleção "Os Pensadores". São Paulo — Abril Cultural, 1984.
- HERRERA, Amílcar
1984 — A crise da Espécie. In BURSZTYN, N et alii (Organizadores). QUE CRISE É ESTA? p. 56-68. São Paulo, CNPq, Brasiliense, 1984.
- JANTSCH, Erich
1972 — Towards Interdisciplinarity and Transdisciplinarity in Education and Innovation — Section 3 — pp. 97-112. INTERDISCIPLINARITY: PROBLEMS OF TEACHING AND RESEARCH UNIVERSITIES. — CERi — Seminnar at the Université de Nice (France). September 2th to 12th, 1970. Paris, Organization for Economic Co-operation and Development, 1972.
- KUJAWSKI, Gilberto M.
1983 — Que é Crise? — Série de 5 artigos publicados em outubro-novembro de 1983, às sextas-feiras: 28/10 e 04, 11, 18 e 28 de 11. Jornal da Tarde do "O ESTADO DE SÃO PAULO". São Paulo, outubro-novembro de 1983.
- KUHN, T. S.
1962 — THE STRUCTURE OF SCIENTIFIC REVOLUTIONS — International Encyclopaedia of Unified Sciences. Vol. II — Nº 2. Chicago, The University of Chicago Press, 1962.
- LEBRUN, Gérard
1987 — O Conceito de Paixão. In CARDOSO, S. et al: OS SENTIDOS DA PAIXÃO p. 17-33. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- MARX, Karl
(*) — MARX — MANUSCRITOS ECONÔMICO-FILOSÓFICOS E OUTROS TEXTOS ESCOLHIDOS. Seleção de Textos de José Arthur Giannotti — (Traduções de vários autores) Coleção "Os Pensadores". São Paulo, Abril Cultural, 1985.
- MCLUHAN, Marshall
1962 — A GALÁXIA DE GUTENBERG — A Formação do Homem Tipográfico. Tradução de Leônidas Gontijo de Oliveira e Anísio Teixeira. São Paulo, Cia. Ed. Nacional — Editora da USP, 1972.
- MEDAM, Alain
1971 — LA VILLE CENSURE. Paris, Editions Anthropos, 1971.
- MONTEIRO, C. A. de Figueiredo
1976 — TEORIA E CLIMA URBANO. Série Teses e Monografias Nº 25. São Paulo, Instituto de Geografia da USP, 1976.
- 1980 — A GEOGRAFIA NO BRASIL (1934-1972): Avaliação e Tendências. Série Teses e Monografias Nº 37. São Paulo, Instituto de Geografia da USP, 1980.
- 1984 — Geografia & Ambiente. ORIENTAÇÃO, Nº 5 — p. 19-27. São Paulo. Instituto de Geografia da USP, outubro de 1984.
- 1987 — Geografia e Uso da Terra nos Trópicos. CIÊNCIA PARA OS TRÓPICOS — Anais do I Congresso Brasileiro de Tropicologia — Organização de Maria do Carmo Tavares de Miranda — p. 43-65. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1987.
- 1988 — Trópico, Ciência e Arte: — O Romance entre o espaço geográfico e o tempo histórico social (das matrizes gilbertianas a outros avanços) — Conferência pronunciada no Seminário de Tropicologia — Fundação Joaquim Nabuco, Recife, em 10 de junho de 1988. (Inédito).
- NIETZSCHE, Friedrich
(*) — OBRAS INCOMPLETAS — Seleção de Textos de Gérard Lebrun; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. Posfácio de Antonio Candido — Coleção "Os Pensadores". São Paulo, Abril Cultural, 1983.

NUNES, Benedito

1986 — PASSAGEM PARA O POÉTICO: Filosofia e Poesia em Heidegger. Coleção Ensaios nº 122. São Paulo, Editora Ática S.A., 1986.

PENA, Orlando & SANGUIN, André-Louis

1984 — EL MUNDO DE LOS GEÓGRAFOS — Panorama Actual de las principales escuelas nacionales de geografía. Barcelona, Oikos-Tau S.A., 1984.

1986 — CONCEPTS ET METHODES DE LA GEOGRAPHIE. Montreal, Guerin, 1986.

POCOCK, Douglas C. A. (Editor)

1981 — HUMANISTIC GEOGRAPHY AND LITERATURE — Essays on the Experience of Place. London, Croom-Helm, 1981.

PRIGOGINE, Ilya & STENGERS, Isabelle

1979 — LA NOVELLE ALIANÇE (Métamorphose de la SCIENCE) — Col. Folio-Essais. Paris, Gallimard, 1986.

RIOS, José Arthur

1987 — Favela e Trópico. CIÊNCIA PARA OS TRÓPICOS — ANAIS DO I Congresso Brasileiro de Topologia — Organização de Maria do Carmo Tavares de Miranda — p. 249-156. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1987.

SANTOS, Milton

1965 — AS CIDADES NOS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

1982 — O Espaço e seus Elementos: questões de método. GEOGRAFIA E ENSINO Nº 1 — Ano 1 p. 19-30. Departamento de Geografia — Instituto de Geociências. Belo Horizonte, UFMGE, 1982.

SOARES, M. T. Segadas et alii

1987 — Um indicador de qualidade de vida nas favelas do Rio de Janeiro. ESTUDOS NORDESTINOS SOBRE CRESCIMENTO URBANO — Organizador Lucivânio Jatobá — Recife, 05 a 09 de outubro de 1987. Fundação Joaquim Nabuco — p. 101-120. Recife, Editora Massangana, 1987.

SORMAN, Guy

1988 — Descobrindo a Origem dos Gênios. (Entrevistando o Prêmio Nobel de Química Ilya Prigogine. Reportagem transcrita no Jornal da Tarde do "O ESTADO DE SÃO PAULO" — segunda-feira, 14/03/88 — Seção Ciência p. 17.

SOROKIN, Pitirim A.

1964 — TENDÊNCIAS BÁSICAS DE NOSSA ÉPOCA — Tradução de Alvaro Cabral. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1966.

SOTO Hernando de

1986 — A ECONOMIA SUBTERRÂNEA — Uma Análise da Realidade Peruana. Tradução do original (El Otro Sendero) por Gilson Schwartz. Rio de Janeiro, Editora Globo, 1987.

SOUBIRATS, Eduardo

1988 — O Intelectual na Crise Contemporânea — Tradução de Cássia Rocha. FOLHA DE SÃO PAULO, "Folhetim" — sexta-feira, 13/02/88 — folha B p. 8 e 9.

SPENGLER, Oswald

1918 — THE DECLINE OF THE WEST. London, Allen & Unwin, 1918.

TAKAHASCHI, Nobuo et alii

1983 — A Time — Geographical Study of Daily Movements in an Agricultural Region in Japan — The Case of Dejima-Village, Ibaraki Prefecture. SCIENCE REPORT OF THE INSTITUTE OF GEOCIENCE, University of Tsukuba — Sectron A, Vol. 4 — p. 115-163, March, 25th, 1983.

TAYLOR, T. G.

1949 — URBAN GEOGRAPHY: A Study of Site, Evolution, Pattern and Classification in Villages, Towns and Cities. London, Methuen & Co, Ltd, 1949.

THOM, René

1985 — PARÁBOLAS E CATÁSTROFES — Entrevista sobre Matemática, Ciência e Filosofia concedida a Giulio Giorello e Simona Morini. Lisboa, Publicações D. Quixote, 1985.

UNESCO — Vários Autores

(*) — L'Utilité de la Géographie. REVUE INTERNATIONALE DES SCIENCES SOCIALES — Vol. XXVII, N° 2 (1975). Paris, UNESCO, 1975.

URSS — Vários Autores

(*) — GEOGRAPHICAL PROGNOSTICATION — PROBLEMS AND PROSPECTS. Moscow, Progress Publishers, 1986.

(*) Coletânea de textos de diferentes datas.

A data colocada abaixo do nome do autor é o ano da produção ou da primeira edição na língua original.

